

AINDA AGUSTINA BESSA LUÍS

No ensaio que publicamos no segundo número da revista **Alfa**, não abordamos o romance de Agustina Bessa Luís, **A Sibila** (1), que conquistou os prêmios Delfim Guimarães em 1953 e Eça de Queirós em 1954, eis que resolvemos analisá-lo à parte e é o que pretendemos fazer agora, aduzindo ainda algumas considerações acêrca do romance **O Manto** (2), da mesma autora.

Antes porém, algumas observações. E' realmente estranho o fato de que, sendo uma escritora de grande envergadura, tanto na percepção dos detalhes, quanto na penetração psicológica, a autora de **Ternos Guerreiros** ainda não seja suficientemente conhecida e divulgada no Brasil. Talvez o fato se explique pela razão seguinte: Agustina Bessa Luís é uma romancista difícil de ser lida, eis que de profunda intuição, realizando romances massudos e de grande sentido psicológico, isso dificulta o processo de crítica com relação à sua obra e conseqüentemente a não manifestação sôbre ela.

Romancista que reúne a variedade e o estilo panorâmico de um Eça de Queirós (embora mais profunda), à dissecação do elemento humano de um Fernando Pessoa, Agustina Bessa Luís, queremos crer, não verá passar muito tempo para que veja, cada vez mais, sua obra estudada e divulgada no Brasil.

A Sibila é, antes de tudo, um romance de tipos psicológicos bem traçados e desenvolve os acontecimentos que conduzem à transformação de Quina em uma sibila de aldeia, dentro de um ambiente em que as credices e as superstições se impõem às criaturas, por serem ignorantes, singelas e sem maiores perspectivas que as da vida comum. Romance em que notamos ainda algumas exigências sempre presentes aos romances de Agustina: a atitude de contar histórias, as divagações,

(1) — Luís, Agustina Bessa — **A Sibila**. Lisboa, 2a. ed., Guimarães Editôra, 1956.

(2) — Luís, Agustina Bessa — **O Manto**. Lisboa, Livraria Bertrand, 1961.

que não raro constituem verdadeiras sínteses do comportamento humano, a riqueza na descrição dos detalhes, sobrelevando a tudo a curiosidade da romancista de ver e narrar minuciosamente o que vê. Aqui podemos sentir a imensa vida que se agita no romance de Agustina. Ainda mais, os dois romances nos mostram o modo como a autora nos descreve os costumes de suas criaturas; neste sentido seu romance revela-se intensamente popular. Ainda mais, a presença de certos tons de erudição nos dois romances, consubstanciam esta constante união entre o comportamento do elemento do povo e a maneira de ser das grandes criaturas universais. Estes todos são aspectos expressivos como ingredientes de **A Sibila** e **O Manto**. Certas personagens, por outro lado, constituem lugar comum na obra de Agustina. Francisco Teixeira, por exemplo, de **A Sibila**, lembra, como conquistador barato que é, Alberto Cales de **Os Incuráveis**.

Ainda mais, os dois romances traduzem a preocupação da autora de, partindo de certas experiências individuais, chegar a uma atitude culturística, através de um certo eruditismo, que volta e meia Agustina deixa transparecer. E' preciso lembrar, no entanto, que êste processo não é forçado na romancista, muito pelo contrário, êle deriva naturalmente do processo evolutivo a que Agustina submete seus personagens. Destas tôdas, é Joaquina Augusta, a mais expressiva, não só pela profundez psicológica conferida a ela, pela romancista, como especialmente, pelo processo que se verifica na sua transformação em uma verdadeira sibila, mulher que todos consultam e de que todos precisam. E é notável observar de como ela aos poucos vai se impondo junto às criaturas, chegando ao ponto de tornar-se indispensável. Claro que Agustina desenvolve a transformação de Quina em sibila, através de um lento processo de integração dessa criatura humana no meio atrasado em que ela vive até o ponto em que pela experiência, ela se impõe também à condessa. Assim, Quina parece ser uma das criaturas de Agustina, mais finamente e fortemente traçadas não só psicologicamente, mas pelo estudo daquela sociedade atrasada a que pertencia a futura sibila, proporcionando as-

sim a elevação de um tipo que não apresenta nada de especial como criatura humana. Quina é uma criatura primitiva, como o são também a maioria das personagens de **A Sibila** e de outros romances de Agustina, e não tem maior inquietação humana; muito pelo contrário, ela está preocupada em elevar-se no seu meio social, em ser cada vez mais necessária para as pessoas que a cercam.

A Sibila revela-se ainda como um romance de costumes, no qual Agustina procura analisar detalhadamente os elementos de uma cidadezinha, num verdadeiro levantamento dos modos de vestir, de falar, e isto constitui o aspecto vivo dessas histórias atraentes que nos traz a autora de **Ternos Guerreiros**, eis que sabe ela captar as sutilezas do íntimo das personagens, bem como os aspectos das paisagens exteriores que cercam e explicam estas personagens.

Ainda mais, as criaturas dêste romance de Agustina são elementos que se desconhecem a si próprios, e se deixam conduzir quase por uma inconsciência, daí serem elas, não raro, cheias de complexos, frustradas, quando não, atingidas por um desvio patológico. Aliás, o patológico constitui um ingrediente sempre presente a algumas personagens do seu romance. No caso de **A Sibila**, o patológico se liga especialmente à figura de Libória de quem a romancista diz:

“Ainda cachopa, bradara “Aqui d’el rei” sôbre un velho cabreiro, só porque êle, no meio de um tojal, a olhara fixamente, sem a saudar. As histórias de violações e falaciosos enganós, de que o soalheiro feminino está sempre cheio, brutalidades obscuras que ao seu cérebro de criança se apresentavam indistintamente como brincadeiras torpes praticadas em animais, êsses horrendos jogos de infância, os sapos que se esfolam vivos ou se obrigam a fumar um cigarro até rebentarem, os gatos recém-nascidos que afogam nas prêsas, espetando-lhes o bandedulho tenro com uma farpa, o segredar cruel dos rapazes a quem a puberdade desponta e exibem uma depravação tão imaginosa quanto inocente, tudo isso lhe fixara nos sentidos um alarme e uma aversão, fazendo-a incapaz para o amor.” (p. 240).

Assim, em rápidas pinceladas, a romancista caracteriza uma criatura por dentro, trazendo especialmente certas impotencialidades por se desconhecerem e trazerem por isso certos complexos marcantes. Assim, Agustina está a pôr a nu as almas de suas personagens, quase sempre tipos comuns exteriormente, mas tornados comuns, singulares pela caracterização que lhes confere a romancista.

Ainda mais, em **A Sibila**, Agustina nos traz aquela síntese mais profunda que é a consequência mesma de sua história, através das ações da personagem principal, no caso, Quina. Destaque-se, ainda, que de uma criatura humana vulgar, ignorante mesmo, a romancista faz derivar os elementos universais, quer dizer, as criaturas por mais vulgares e mediócras que sejam apresentam certas características universais que interessam ao romance, e por isso êle é válido. Muitas vêzes a própria criatura que traduz esta ânsia pelo universal não se dá conta dêste processo. Ela o realiza pura e simplesmente. Assim é que apenas Germa se dá conta do valor profundo da Sibila, após a sua morte, ninguém mais; ela é mesmo a herdeira de Quina, que compreendeu tôda a singeleza e grandiosidade desta criatura.

Assim é que em **A Sibila**, Agustina faz um levantamento dêsses caracteres marginaes, esquecidos, mas de grande sentido humano, embora vivendo obscuramente:

“sim, Quina foi apenas mais um punhado obscuro de aspirações que só despontaram ou mal floriram.”

“E’ esta a mais grandiosa história dos homens, a de tudo o que estremece, sonha, espera, e tenta, sob a carapácia da sua consciência, sob a pele, sob os nervos, sob os dias felizes e monótonos, os desejos concretos, a banalidade que escorre de suas vidas, os seus crimes e as suas redenções, as suas vítimas e os seus algozes, a concordância dos seus sentidos com a sua moral. Tudo o que vivemos nos faz inimigos, estranhos, incapazes de fraternidade.” (p. 290)

Assim, de tôda personagem, a romancista procura extrair aquilo que respira a profunda participação humana com as

coisas, numa mensagem de que todos temos a ver com as ações e atitudes de tôdas as criaturas, residindo aqui a grande dose de humanidade que respira **A Sibila**, por isso mesmo considerada obra prima da Agustina Bessa Luís.

Acrescente-se ainda o profundo sentido místico que a romancista confere à figura de Quina, daí um certo mistério a confirmar o que a própria Agustina lembra: o interêsse em tratar de um enigma que ela procura decifrar e, ao mesmo tempo nos força a penetrar. Nesta solução do enigma avulta a intuição, fôrça maior em **A Sibila**. Veja-se, por exemplo, a tentativa hercúlea da romancista a tentar interpretar o drama traçado entre Quina e Custódio, através de uma visão dolorosa.

Concluindo, **A Sibila** justifica os prêmios que teve, por inúmeros valores literários; a tomada do humano no que êle apresenta de raiz, a preocupação de trazer detalhes expressivos, tanto das personagens, como da paisagem, a penetração psicológica, a atmosfera mística, tudo isto sugerindo elemento fundamental no romance: a criação do mito, encarnado na figura de Quina e compreendido apenas por Germa.

Passemos agora a algumas considerações quanto a **O Manto**, mais uma deliciosa história que nos traz Agustina, apresentando ainda algumas características constantes em suas obras: o aprofundamento psicológico de raiz, o levantamento de certos caracteres humanos, a preocupação com o elemento cósmico em seus menores detalhes, o processo de análise das personagens, seguido de sínteses definidoras, o ar de erudição, e finalmente a presença de uma grande síntese, simbolizada já no título da obra. Desta vez, a romancista se detém na análise de certas figuras do Pôrto, mas numa tendência freqüente de universalizá-las, figuras que por sinal assemelham-se às de romances anteriores seus, concluindo-se daqui a preferência da autora por certos tipos. São os casos, para citar apenas dois, de Alvaro Teles, conquistador barato, caminhando inevitavelmente para o malôgro da vida, lembrando um Alberto Cales de **Os Incuráveis** e ainda Francisco Teixeira de **A Sibila**, de um lado, de outro, Felipe a lembrar Porfírio

de **Ternos Guerreiros**, embora êste mais fortemente traçado que aquêle.

Uma novidade surge aqui, no entanto. Ao invés de colocar um homem em busca da realização na vida, através do processo amoroso, como fêz com Domingos em **Ternos Guerreiros**, e com José Maria em **O Susto**, aqui temos uma mulher, Lourença, que busca uma solução de vida através da união com Felipe, Ângelo e Camilo, mas inadapável como tipo humano, acaba fracassando, nesta atmosfera dramática e de negações estabelecidas em **O Manto**. As ações e reações entre os personagens sempre são dolorosas, neste processo intenso das criaturas buscarem conhecer-se e sempre resultam em fracasso. E' o caso, por exemplo, das relações entre Garcia e o Capitão Marcelo e entre Filipe e Lourença. Claro está que, também aqui, esta solução infeliz para os problemas humanos, resulta dos falsos valores por que são conduzidos essas mesmas criaturas humanas. Exemplo típico do que afirmamos é o que ocorre com Alvaro Teles, que conhecendo e vivendo com várias mulheres, acaba se desiludindo com a vida, resultando em verdadeira frustração. Frustradas, aliás, também são Lourença e Garcia, além do próprio Capitão Marcelo.

Dêste modo, partindo de certos característicos humanos e nas relações entre as personagens, a romancista alça vãos para certas observações de validade geral. Assim é que, embora o cenário seja a cidade do Pôrto, o grande cenário de Agustina é a Vida, de que a romancista procura valorizar as coisas e as criaturas humanas. Ainda mais, o aprofundamento que a romancista realiza nas suas personagens é tão grande que essas mesmas criaturas se nos assemelham estranhas, pois aqui reside um dos grandes valores da obra de Agustina. Ultrapassado o limite na consideração do caráter humano atingimos realmente uma zona estranha, desconhecida, e por isso mesmo atraente, e talvez aqui esteja uma das matrizes do romance de Agustina: a busca do "au delà". Assim é que, verdadeiramente, **O Manto** constitui um salto no desconhecido, descobrindo-se assim, que na raiz, tôda criatura humana é caótica, e ao

trazer ao plano do consciente elementos profundos, nós nos estranhamos a princípio, mas em seguida começamos a nos compreender realmente. E' o que ocorre com as personagens de **O Manto**. Elas se desconhecem, não conseguem criar valores, vivem, pura e simplesmente, uma vida de relações dolorosas, e resultam frustradas, naturalmente... inevitavelmente.

Observamos ainda uma certa tendência na criação de um mundo irreal através mesmo de um misticismo de raiz, pelo menos em certas criaturas misteriosas, caso por exemplo de Lourença e Filipe.

Acresce que ressuma **O Manto** ainda uma certa atitude de mítico ao aprofundar intensamente as criaturas humanas. Outra preocupação evidente no romance é o interêsse que a autora confere a tôdas personagens, detendo-se a analisar-lhes as características individualizantes como tipos humanos que são. Ainda aqui, a curiosidade viva de Agustina a tentar um levantamento de tipos humanos e atitudes encontráveis na cidade do Pôrto. Note-se ainda que as personagens de Agustina são, preferivelmente, criaturas de qualidades, justamente porque ainda não se encontraram na vida. E' o caso por exemplo de Lourença e mesmo de Garcia, as duas criaturas femininas do romance.

Daí uma atmosfera densa e triste a pairar no romance, de tôdas as maneiras conseqüência mesma da penetração rara e profunda nas personagens, culminando com a grande síntese final do romance.

“E, depois, a vida é como um manto em que se arrastam tôdas as fúrias e ternuras do mundo, e que deixa ficar por tôda a parte alguma coisa do seu calor e do seu pêso. O manto estende-se, envolve-se, descobre e oculta, agasalha e expõe ao frio; o manto é de farrapos imensos onde se embalou a morte. Desdobra-se, e parece mesquinha urdidura; chega-se aos olhos, e a sua côr apaga-se, atira-se no vento e êle cobre os astros inteiramente. Todos transportam o manto nos seus ombros e o levantam à altura do coração, e deixam que êle caia no pó e o perdem nos caminhos onde acaba a história do homem.” (p. 289).

Em conclusão, embora **O Manto** como romance, não traga as vivências profundas de **A Sibila** e de **Os Incuráveis**, resulta numa obra válida e confirma as notáveis virtudes de Agostina Bessa Luís, de tôdas as formas, indiscutivelmente, uma das maiores vocações de romancista na literatura portuguesa.

JOÃO DÉCIO